



**CARISMA FUNDACIONAL
E PARTILHA DO CARISMA COM A FdM**
[Comunhão de Vocações]

Pe. Geraldo Boniatti

1- A comunhão de vocações na Bíblia

Quando S. Paulo, na 1ª carta aos Coríntios, (12,1-11;27-31) fala dos carismas dados a cada pessoa, quer destacar o ato criador de Deus. Deus amor, que chama à vida o universo inteiro, e neste universo dá um destaque particular ao ser humano, feito à sua imagem e semelhança. Toda a vocação tem a ver com o ato criador de Deus. Isto porque a maior e melhor comunhão de vocações está na Santíssima Trindade. O Pai, o Filho e o Espírito Santo que na circularidade de amor são Deus, princípio gerador de toda a vida.

Deus, constantemente nos está convocando para assumirmos o papel de criadores com Ele. Somos convocados a gerar vida ao nosso redor, no respeito, na solidariedade, no compromisso de desenvolver o mais plenamente possível os dons recebidos do coração da divindade. Este desenvolvimento, na consideração de S. Paulo, acontece a partir do dinamismo dos carismas que cada um recebeu da parte de Deus. Ninguém tem tudo, mas todos juntos podemos fazer um uma construção mais perfeita.

Na Bíblia, sobretudo nos evangelhos, encontramos muitos ensinamentos de como Deus conta com o desenvolvimento vocacional de cada um. Ele quer se tornar presente, como que misturar sua vida com a nossa, para que a vida aconteça em abundância. Esta garantia a temos, porque a graça de Deus sempre nos precede, tornando nosso caminhar mais tranquilo e seguro. Encanta-me a Parábola do Banquete (Mt 22,1-14), onde vemos a iniciativa de Deus que quer “casar” com a esposa igreja. Deus quer realizar uma aliança, semelhante a núpcias, para estar mais intimamente unido a cada um de nós na concretização do seu Reino. Reino da verdade, da justiça, do amor e da paz. Infelizmente os convidados ao banquete, às núpcias com Deus, não aceitaram o convite. A circularidade e a dinamicidade do amor de Deus ficou interrompida em corações não dispostos a crescer junto com outras pessoas. No caso da parábola, os pobres, convidados na segunda chamada, aceitaram o convite, como para dizer que a fraternidade é possível entre corações que se entendem, acolhem e partilham suas limitações.

2- A comunhão de vocações no carisma de Murialdo

Quando o Espírito de Deus chamou e marcou o coração de Murialdo para atender com toda a ternura os jovens mais pobres e necessitados de educação cristã, estava dando um Dom precioso para toda a humanidade. Murialdo, com a certeza do amor misericordioso em sua vida, amor infinito, terno, pessoal, atual, entendeu que devia convocar muitas pessoas para poder realizar, de forma mais completa, a educação integral, isto é o cuidado carinhoso

para cada jovem pobre que a Providência lhe fez encontrar. Esse envolvimento de muitos corações, em amoldar corações de jovens sofridos, o temos descrito no dia a dia da educação desenvolvida no colégio dos Artigianelli e nas demais obras iniciadas por Murialdo. E como esta prática deu certo, nossa Regra registra isto em Diretório 40: *“A riqueza do carisma de Murialdo se manifesta em plenitude quando se concretiza nos diferentes modos de viver a vida cristã e faz amadurecer uma comunhão de vocações. Os confrades sentem um vínculo espiritual que os leva a constituir-se como Família de Murialdo com todos aqueles que, embora em estados de vida diversos, receberam, como eles, o mesmo dom concedido por Deus ao Fundador”*.

A vocação e a missão de educar corações de jovens mais pobres e necessitados de ajuda e educação cristã, não pode ser completa, sem a participação de muitas mãos generosas, que com suas características peculiares, vão aperfeiçoando a imagem, como num mosaico, cada um trazendo a sua parcela, ajudando a tornar a imagem mais bonita, mais agradável ao coração de Deus. Deus não pode aceitar e contemplar rostos desfigurados, sobretudo de crianças, adolescentes e jovens excluídos.

Nossa Regra, em Diretório 41 complementa: *“Os confrades, considerando-se os primeiros depositários do carisma, dom do Espírito à igreja para a utilidade comum, à luz da eclesiologia de comunhão, sentem fortificada a sua identidade internamente na mais ampla realidade denominada Família de Murialdo na qual se dilata o carisma do Fundador”*.

É oportuna a descrição feita no Itinerário da Família de Murialdo (pag. 7), onde lemos: *“Reconhecer o dom significa vigiar pela sua preciosidade e viver a gratidão para com Doador. E tratando-se pois de, dom do Espírito, não podemos considerá-lo como propriedade nossa: é para a utilidade comum. A Família de Murialdo não é uma invenção nossa, não é uma propriedade nossa: é um dom que o Senhor nos está concedendo; é uma Graça nova e de uma nova responsabilidade”*.

A determinação e o empenho, especialmente dos últimos capítulos gerais, em resgatar e em dar forma mais clara à Família de Murialdo, está dando uma resposta a esta provocação do Espírito. É uma graça e uma renovada responsabilidade, especialmente nestes nossos tempos conturbados. A Família de Murialdo, em suas diferentes manifestações, deve se tornar esperança, luz, caminho para os jovens mais pobres. O jovem deve encontrar no josefino o amigo, irmão e pai, o bom educador, que gera confiança, que partilha sua vida com o mesmo jovem, vivendo e indicando valores ancorados no coração de Deus. Na Murialdina, a amiga, a ternura de mãe que procura manter o jovem ligado às suas origens e raízes familiares. No Instituto Secular a capacidade de viver no mundo sem apegar-se a tantas coisas. E nos Leigos de Murialdo o empenho, o enfrentamento em desmascarar as situações de injustiças no cotidiano da vida, sobretudo no que se refere a trabalho, leis sociais facilmente ludibriadas, se não são constantemente lembradas e defendidas como direitos humanos.

Quando no XXI capítulo geral escrevemos juntos o sonho: *“Com os olhos fixos em Jesus e nas crianças, adolescentes e jovens empobrecidos, caminemos alegres como irmãos, numa comunhão de vocações, rica de ternura e misericórdia, aberta profeticamente aos desafios da cultura e do contexto social”*, não estávamos sonhando sozinhos, nós os josefinos, mas sonhávamos como a Família de Murialdo. Isto também para justificar o que já dizia Dom Helder Câmara, que *“se sonhamos sozinhos o sonho pode não se realizar, mas se sonhamos em muitos o sonho se torna realidade”*. Isto significa que, num esforço comum, entre todos e todas, que se inspiram no Carisma de Murialdo, devemos caminhar, numa imediata formação recíproca, para não deixar passar em vão o dom do Espírito e respondermos, por vocação, como Família de Murialdo, aos apelos do Senhor, para que

nenhum se perca, dos jovens que nos são dados. Não ficar apenas com os jovens que encontramos, mas, desde já, assumir o desafio do próximo capítulo geral que nos envia a procurar os jovens mais necessitados, a exemplo de Maria e José que “aflitos” procuraram Jesus em Jerusalém. As Jerusaléns de hoje, onde estão os jovens, são as nossas cidades que excluem e marginalizam as pessoas; o templo são os shoppings, os bancos, inacessíveis para a grande maioria; os mestres do templo são os indicadores de caminhos de felicidade. Felicidades efêmeras, que destroem a identidade ou mesmo não permitem que seja construída sobre alicerces sólidos da dignidade da pessoa humana, da solidariedade e, sobretudo, de relações sociais dignas de uma pessoa nascida do coração de Deus.

A comunhão de vocações, na Família de Murialdo portanto não é apenas uma opção pessoal, mas é uma realidade que deve ser construída diariamente e de modo crescente, para que de fato, nossos jovens possam contar com muitas mãos estendidas na direção deles, que lhe possam garantir um caminhar mais seguro.

3- A comunhão de vocações: dom e tarefa

Os passos para crescer como família são os que estão indicados no sonho, visto acima. Todos devemos partir de Jesus. Olhos fixos em Jesus. Toda nossa relação, todo o nosso trabalho, todo o nosso empenho de nos constituir como família, deve partir de Jesus. Jesus é o filho amado do Pai, o qual, por duas vezes, como lemos no evangelho, disse: *“Este é meu filho amado no qual depositei toda a minha afeição, escutai-o”* (Mt 17,5).

Jesus conta conosco e nos faz olhar ao nosso redor e perceber que existem muitas crianças, adolescentes e jovens empobrecidos, necessitados de muitas ajudas. Sem partir do olhar de Jesus, é muito difícil perceber onde estão os mais pobres. A cultura, a posição social, a emancipação através de estudos, até uma nossa certa acomodação e bem estar, facilmente nos cegam e não nos permitem enxergar as novas pobrezaas.

O sonho pede para que caminhemos alegres. Caminhar alegres porque Deus nos ama e nos está enviando juntos, homens e mulheres, consagrados e não consagrados. Todos marcados com a mesma paixão de ser presença amiga junto aos pobres, não apenas como alguém que faz alguma coisa para eles, mas recebendo deles a graça da santificação porque eles se tornam “sacramento” para nós. Esta deve ser a fonte de nossa alegria. Encontramos a morada de Deus no coração destes jovens.

Caminhem numa comunhão de vocações. É sempre o dizer do sonho a nos provocar. Aqui se trata de assumir, com empenho e paixão, esta novidade em nossas vidas de membros da Família de Murialdo. Não basta simpatia ou mesmo compaixão com os jovens mais pobres, mas compromisso a caminhar com eles e encontrar para eles um caminho de vida mais pleno. Todo o ser e o fazer de um membro da Família de Murialdo, na comunhão de vocações, se reveste de uma mística especial que dá um sabor diferente ao viver. Mística que parte da intimidade com Deus, com quem se planeja cada dia como a dizer: *“Senhor, eis que estou a caminho neste novo dia. Gostaria de ser o dom de tua presença junto a cada criança, adolescente, jovem e também adultos. Que eu seja a manifestação de teu amor misericordioso e não de minhas satisfações”*.

Na sociedade hodierna que provoca a um progressivo afastamento entre as pessoas, a comunhão de vocações se torna um lugar profético. A profecia aponta para dois distintivos desta comunhão: que seja rica de misericórdia e de ternura. São distintivos do coração de Deus, tão bem vividos e divulgados por Murialdo. Ternura e misericórdia é o que espera o jovem necessitado. Ternura e misericórdia são os passos, as conversões que temos que fazer como Família de Murialdo, para juntos fazermos a nobre e grande missão que Deus quer que realizemos.

A nossa profecia, na comunhão de vocações, deve marcar e impregnar a cultura e o contexto social daqueles valores que dignifiquem a pessoa humana. Valores que possam garantir a liberdade, a justiça, o amor e um lugar digno para cada ser humano neste universo de Deus.

Concluindo, vamos agradecer ao Espírito de Deus, pelo dom da comunhão de vocações na Família de Murialdo. Ainda que somos poucos e poucas, mesmo assim queremos ser uma lâmpada bem acesa, porque uma luz acesa num mundo escuro, se enxerga de longe e se torna uma esperança de caminho. O caminho da comunhão de vocações, já iniciado, não tem retorno. Deixemos incendiar nossos corações, pelo amor de Deus, formemos um só coração e uma só alma, para sermos um dom de Deus para as crianças, adolescentes e jovens empobrecidos.

Para dialogar em comunidade:

1. Passos significativos que já realizamos na Família de Murialdo, como comunhão de vocações.
2. O que de imediato temos que superar para que esta comunhão de vidas possa se desenvolver mais plenamente.
3. Apontar ações concretas que se poderia fazer para marcar a cultura no contexto social, no respeito às crianças, adolescentes e jovens empobrecidos.
4. Como cativar mais pessoas para fazer parte da comunhão de vocações na Família de Murialdo